

## Representação da subjetividade e de gênero na obra *Orlando* de Virginia Woolf

### Representation of subjectivity and gender in the work *Orlando* de Virginia Woolf

Wellington Campos Araújo<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** O presente trabalho é resultado de pesquisa realizada pelo Programa Institucional de Iniciação Científica com bolsa (PIBIC) financiada pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no ano de 2016 a 2017. A pesquisa é bibliográfica de cunho interpretativo, e busca analisar as representações de gênero, tomando como aporte teórico a psicanálise e os Estudos de Gênero. Nesse sentido, se desenvolve uma relação dos estudos da subjetividade e gênero através de uma análise de Orlando, personagem principal da obra, verificando em que medida as questões de gêneros, apresentadas pelo personagem estão relacionadas com as representações da subjetividade. A análise da pesquisa é conduzida através da discussão dos fatos narrados na obra em conexão com a subjetividade e gênero na caracterização do referido personagem. Em um primeiro momento Orlando está representado enquanto sujeito ele (He) que assume as condições sociais do patriarcado. No entanto, passa por um processo de transformação e se torna mulher, Orlando então enquanto sujeito mulher é representado na obra, pelo marcador biológico e preceitos sociais (regras de feminilidade e comportamentos), desconsiderando a forma subjetiva no processo de construção da identidade do sujeito. Entretanto, também é representada na obra a fluidez e/ou multiplicidade de Orlando quanto a suas identificações ou não nas categorias binárias de gênero (Homem e Mulher), como sujeito não binário. Concluímos assim que a subjetividade de Orlando está representada na construção das múltiplas identidades de gêneros performadas por ele no romance.

Palavras-chaves: Orlando. Subjetividade. Estudos de Gêneros. Virginia Woolf.

**Abstract:** The present work is the result of research carried out by the Program of Scientific Initiative with Stock Exchange (PIBIC) financed by the Federal University of Tocantins (UFT) and by the National Council of Scientific and Technological Development (CNPq) in the year 2016 to 2017. The research is bibliographical of interpretative nature, and in search of gender representations, based on the theory and psychoanalysis of gender studies. In this sense, it is one of the initiatives of subjectivity and gender through an analysis of Orlando, main character of the work, with due relevance to gender issues, being presented as representations of subjectivity. A. It is an application conducted through the analysis of a data set on the practice of computing with a subjectivity and gender in the characterization of said character. In the first place Orlando is represented as subject that assumes the social configurations of the patriarchy. However, it goes through a process of transformation and becomes a woman, and therefore, when it is represented in the work, by the biological and prejudiced marker (rules of femininity and behavior), disregarding a subjective form in the process of construction of the identity of the subject. However, it is also an expression in the fluency and / or multiplication of a language to identify or not the gender binary libraries (Man

<sup>1</sup>Licenciando em Letras-Inglês pela Universidade Federal do Tocantins no campus de Porto Nacional - TO. Email: wellingtonarcam@gmail.com.

and Woman) as a non-binary subject. Framing as a subjectivity of Orlando is represented in the construction of the multiple identities of genres performed by him in the novel.

Keywords: Orlando; Subjectivity; Studies of Genres; Virginia Woolf.

**Submetido em 31 de março de 2019.  
Aprovado em 05 de setembro de 2019.**

### **Introdução:**

A pesquisa procurou analisar as representações de gênero, tomando como aporte teórico a psicanálise<sup>2</sup> e os Estudos de Gênero. Nesse sentido, buscamos desenvolver uma relação dos estudos da subjetividade e gênero através de uma análise de Orlando, personagem principal da obra, verificando em que medida as questões de gêneros, apresentadas pelo personagem estão relacionadas com as representações da subjetividade.

De acordo com Woodward (2009):

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e daquilo que somos. (WOODWARD, 2009 p. 17)

Nesse sentido, entendemos que a representação da subjetividade está relacionada à construção do sujeito (interno/Externo) numa constante relação dialética com a identidade. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significados à experiência que temos de nós mesmos e nós adotamos uma identidade. (WOODWARD, 2009, p. 55)

Assim a construção do gênero está relacionada à subjetividade. Onde o indivíduo sujeito ao gênero, mas subjetivado pelo gênero, o “eu” nem precede, nem segue o processo dessa “criação de um gênero”, mas apenas emerge no âmbito e como a matriz das relações de gênero propriamente ditas (BUTLER, 1993:7).

O termo gênero foi criado para acentuar as relações sociais, construídas a partir da interpretação do biológico. Gênero é o significado social e político historicamente atribuído a cada sexo, é "uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado" (SCOTT, 1990, p. 7).

---

<sup>2</sup>Abordamos a psicanálise, enquanto método de investigação, que se caracteriza pelo método interpretativo, a fim de perceber como está representada a subjetividade e o gênero em relação às múltiplas identidades de Orlando.

Porém para Butler (2012), o gênero e sua divisão binária e oposicional, enquanto constructos universais e estáveis, são performativamente constituídos, no sentido de que só existem a partir do momento mesmo de sua expressão. Deste modo, o gênero é construído a todo o momento pela repetição de uma performance estilizada de feminilidade e/ou masculinidade.

Neste artigo, discutimos sobre as representações da subjetividade dialogando com os estudos de gêneros na construção das várias identidades assumidas por Orlando na obra. Na primeira seção abordamos de que forma Orlando está representado enquanto sujeito ele (He) que assumi as condições sociais do patriarcado, ou seja, às imposições sociais determinadas artificialmente e construídas culturalmente. Na segunda seção refletimos sobre o processo de transformação (ritual de passagem) onde Orlando se torna mulher. Na terceira seção levantamos a discussão sobre como Orlando é representado na obra agora como sujeito ela (She), em dialética com os estudos feministas.

Na última seção deste trabalho discutimos como está representada a fluidez e/ou multiplicidade de Orlando quanto a suas identificações ou não nas categorias binárias de gênero (Homem e Mulher). A análise da pesquisa é conduzida através da discussão dos fatos narrados na obra em conexão com a subjetividade e gênero na caracterização do referido personagem.

Esta pesquisa é bibliográfica de cunho interpretativo, analisando dos fatos narrados na obra, assim como supracitado. Nesse sentido, compreendendo o processo narrativo consideramos os apontamentos de Bastos & Biar (2015), citados por Cadilhe (2017) a respeito das análises de narrativas, que segundo os autores, constitui uma ferramenta útil que:

(i) promove diálogo entre múltiplas áreas do saber; (ii) se debruça sobre a fala dos mais diversos atores sociais, nos mais diversos contextos; (iii) reverbera entendimento do discurso narrativo como prática social constitutiva da realidade; (iv) nega a possibilidade de se delinear identidades estereotipadamente, como instituições pré-formadas, atentando para como atores sociais se constroem para fins locais de performance e (v) avança no entendimento sobre os modos como as práticas narrativas orientam, nos níveis situados de interação, os processos de resistência e reformulação identitária (BASTOS & BIAR, 2015, p. 102-103).

Deste modo, a análise de narrativas configura-se como uma estratégia de pesquisa em intenso diálogo com s personagens das obras analisada, possibilitando uma produção de conhecimento situado. Não por acaso, o uso de narrativas para compreensão dos

processos sociais tem se mostrado como uma potente ferramenta de aprimoramento e mudanças sociais.

Dessa forma, a pesquisa se justifica no fato de aumentar a crítica literária brasileira, além de ser importante para o debate da crítica de gênero atual, já que a obra é uma grande formadora de representações sociais, de subjetivação e dos gêneros.

Orlando, de Virginia Woolf, publicado pela primeira vez em 1925, é dedicado à Vita Sackville-West, por quem Virginia Woolf esteve apaixonada por um tempo, e conta a história de um protagonista que extraordinariamente vive durante quatro séculos. O romance é composto por seis capítulos, cuja narração segue ordem cronológica e o narrador é um biógrafo que reconstrói a vida da personagem que dá título à obra.

Ao planejar a elaboração do livro, Virginia comenta em seu Diário: “Será uma biografia começando em 1500 e continuando até o presente, chamada Orlando, Vita; apenas com uma mudança de um sexo para o outro”<sup>3</sup>.

O enredo se inicia com Orlando jovem aos 16 anos, no final do século XVI, e termina em outubro de 1928, com a protagonista na condição de mulher madura. Além de discutir as transformações de sexo, há também uma discussão sobre as relações da subjetividade e gênero.

### **Orlando e as Representações da Subjetividade e Gêneros.**

#### **Orlando (Ele):**

He – for there could be no doubt of his sex, though the fashion of the time did something to disguise it [...] (Woolf, 2003, p.7)<sup>4</sup>

No início da obra é estabelecida uma relação entre gênero e sexo, colocando que os gêneros são construídos a partir dos marcadores biológicos. A esse respeito Butler (1990) assevera que:

a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem resultado casual do sexo, nem tampouco aparente fixo quanto o sexo. (BUTLER, 1990, p. 24)

<sup>3</sup> (Woolf, V. *The Diary of Virginia Woolf*, Ed. Anne Olivier Bell, v. 3, 1925-1930, 5 de outubro de 1927, in: WOOLF, Virginia. *Orlando*; tradução de Laura Alves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p.8).

<sup>4</sup>Tradução: Ele - porque não havia dúvida a respeito do seu sexo, embora a moda do tempo concorresse para disfarçar-lo [...] ((MEILERES 1978, p. 7)

Assim sendo, em nossa opinião, o conceito de gênero enfatiza todo um sistema de relações psicológicas, sociais, culturais e política que, embora possa incluir o sexo, não é por ele determinado, nem determina a sexualidade.

Para Gilbert, Hallet e Elldridge (1994), citados por Nogueira (2001, p. 9), “gênero é, portanto, o termo usado no contexto social, podendo ser definido como um esquema para a categorização dos indivíduos (na perspectiva da cognição social) esquema esse que utiliza as diferenças biológicas como base para a designação de diferenças sociais”.

Portanto, a construção do gênero está relacionada à subjetividade onde indivíduo, a partir das experiências sócio-cognitivas, reconhece-se dentro ou fora do que chamamos de binarismo de gênero que é composto pelo gênero feminino e masculino, ou seja, o gênero independe dos marcadores biológicos (sexo biológico), pois é culturalmente construído podendo sofrer reformulações.

Ainda no início da obra, o gênero de Orlando é afirmado como sendo masculino com a utilização do pronome “He” (Ele), e essa afirmação é reforçada quando é expressa a certeza incontestável sobre seu sexo, mesmo que a moda da época não o demarcasse, ou seja, o gênero de Orlando é representado apenas pelo marcador biológico, e sua virilidade está relacionada com a construção do seu gênero.

Assim, pelo menos no início do romance, Orlando confirma construções e expectativas culturais de gênero dentro de uma matriz patriarcal, tal matriz que é culturalmente obrigatória, mas não a única possibilidade de legitimidade do sujeito.

Costa (2008) define a matriz patriarcal como uma:

organização sexual hierárquica da sociedade tão necessária ao domínio político. Alimenta-se do domínio masculino na estrutura familiar (esfera privada) e na lógica organizacional das instituições políticas (esfera pública) construída a partir de um modelo masculino de dominação (arquétipo viril). (COSTA, 2000, p. 38).

Isso significa dizer que o domínio patriarcal (masculino) está presente na sociedade desde o cotidiano doméstico ao político. Porém, toda essa virilidade figurando como característica única em Orlando construída nas cenas iniciais é logo em seguida desfeita através da descrição da aparência física do personagem que é então suavizada pelas características utilizadas e pela voz do narrador:

The red of the cheeks was covered with peach down; the down on the lips was only a little thicker than the down on the cheeks. The lips themselves were short and slightly drawn back over teeth of an exquisite and almond whiteness.

Nothing disturbed the arrowy nose in its short, tense flight; the hair was dark, the ears small, and fitted closely to the head. But, alas, that these catalogues of youthful beauty cannot end without mentioning forehead and eyes. Alas, that people are seldom born devoid of all three; for directly we glance at Orlando standing by the window, we must admit that he had eyes like drenched violets, so large that the water seemed to have brimmed in them and widened them; and a brow like the swelling of a marble dome pressed between the two blank medallions which were his temples. Directly we glance at eyes and forehead, thus do we rhapsodize.” (WOOLF, 2003, p. 6)<sup>5</sup>

A descrição detalhada de cada parte de seu rosto carregada de lirismo e por metáforas, faz referência a uma idealização de uma mulher romântica, na medida em que o narrador atribui certas características ditas femininas de forma transbordante desconstruindo o arquétipo viril. No entanto em termos de comportamento, várias passagens indicam que Orlando performativa sua identidade agindo dentro do padrão esperado para um homem em relação ao gênero, anatomia e comportamento do personagem.

Em sua juventude, Orlando envolve-se com diferentes mulheres e tem seu nome relacionado aos delas em ao casamento. E o casamento sendo símbolo social, onde o homem casado é tido como portador dos valores familiares e digno de respeito social, mas quando se trata das mulheres, é vista como um objeto de submissão e doméstico, ou seja, o casamento se torna uma obrigação. Sobre esse acatamento afiança Adiche (2012):

A linguagem que empregamos dentro do casamento é reveladora: frequentemente é uma linguagem de parceria. Pensamos na palavra “respeito” como um sentimento que a mulher deve ao homem, mas raramente o inverso. (ADICHE 2012, p 38)

Assim percebemos que dentro do casamento há um sistema de hierarquia onde o homem está no topo da pirâmide e a mulher sendo submissa a ele, dessa forma Orlando era visto como um homem de prestígios e valores.

Orlando age sob os preceitos do patriarcado, ou seja, às imposições sociais determinadas artificialmente e construídas culturalmente, sob o poder que a presença masculina exercia na sociedade e, sobretudo, em relação às mulheres, “It is certain indeed

---

<sup>5</sup>Tradução: O vermelho das suas faces era coberto de uma penugem de pêssego; a penugem do buço era apenas um pouco mais densa que a das faces. Os lábios eram finos e levemente repuxados sobre dentes de uma deliciosa brancura de amêndoa. Nada perturbava o breve, tenso vôo do sagitado nariz; o cabelo era escuro, as orelhas pequenas e bem unidas à cabeça. Mas, ai de mim! – que estes catálogos de beleza juvenil não podem terminar sem a menção dos olhos e da testa! Ai de mim, que as pessoas raramente nascem sem esses três atributos! – pois, ao olharmos para Orlando parado à janela, temos que reconhecer que possuía olhos como violetas encharcadas, tão grandes que a água parecia chegar às bordas e alargá-los; e uma testa como a curva de uma cúpula de mármore, apertada entre os dois brancos medalhões das têmporas. Se olharmos para sua testa e para os seus olhos, cairemos em êxtases. ((MEILERES 1978, p. 8).

that many ladies were ready to show him their favours” (WOOLF, 2003, p. 14).<sup>6</sup> “she would have made a perfect wife for such a nobleman as Orlando[...]” (WOOLF, 2003, p. 15).<sup>7</sup> Os trechos citados denotam a força do patriarcalismo tão presente na época, tendo em vista a satisfação masculina, e a mulher atuava apenas como objeto dessa satisfação.

No entanto com as características físicas de Orlando serem suavizadas (que na época fazia referência às características físicas ditas femininas) percebemos também que o fato de Orlando ser um jovem escritor/poeta contribuiu para a quebra desse arquétipo viril onde apesar do “Vice, Crime, Misery were the personages of this drama (WOOLF, 2003 p. 6)”<sup>8</sup> a emoção e sentimentos ditos femininos prevalecia em seus romance/poemas:

There were Kings and Queens of impossible territories; horrid plots confounded them; noble sentiments suffused them; there was never a word said as he himself would have said it, but all was turned with a fluency and sweetness which, considering his age – he was not yet seventeen – and that the sixteenth century had still some years of this course to run, were remarkable enough. (WOOLF, 2003 p. 6)<sup>9</sup>

Porém ao mesmo tempo em que a literatura transparece o lado sensível de Orlando nos mostra o poder patriarcal, pois o romance é retratado na época da sociedade elisabetana, onde a caneta é negada às mulheres subentendendo que os escritores da época fossem todos homens, limitando por preconceitos culturais os papéis atribuídos às mulheres na época.

Por fim acreditamos que, Orlando performatiza a identidade masculina, assumindo as condições do patriarcado, por uma questão social, pois ao mesmo tempo que é apresentada toda sua virilidade atuando como dominante na sociedade, essa mesma virilidade é desconstruída pelas características físicas e psicológicas, ou seja, ao mesmo tempo que Orlando age da forma que a sociedade o programou para agir, e isso fica claro quando o narrador diz “He was young; He was boy is; he did but as nature bade him do” (WOOLF, 2003 p. 12)<sup>10</sup> contudo, ainda sim, ele apresentar algumas ressalvas que surgem a partir da construção da sua subjetividade.

---

<sup>6</sup> Tradução: Não há dúvida nenhuma de que muitas damas estavam prontas a conceder-lhes seus favores. (MEIRELES, 1978 p. 17)

<sup>7</sup> Tradução: Em suma, teria sido uma perfeita esposa para um nobre como Orlando [...] (MEIRELES, 1978 p. 18)

<sup>8</sup> Tradução: “vício, o Crime, a Miséria serem os personagens de seu drama (MEILERES 1978, p. 9)

<sup>9</sup> Tradução: havia reis e rainhas de territórios impossíveis; horrendas intrigas os abatiam; nobres sentimentos os inundavam; não se dizia uma palavra com ele mesmo a teria dito; mas tudo estava expresso com uma fluência e uma doçura que, levando em conta sua idade - ainda não tinha dezessete anos - e que o século XVI tinha ainda alguns anos para rodar, eram bastante notáveis. (MEILERES 1978, p. 9)

<sup>10</sup> Tradução Era jovem, era ingênuo. Fez apenas o que a natureza lhe ordenou. (MEIRELES, 1978 p. 15)

### A transformação:

Na noite em que se tornou duque, Orlando cai em sono profundo e é então encontrado no outro dia por seus secretários, e apesar de não acordar respirava normalmente descartando a possibilidade de morte. Porém como não acordava, os secretários chamaram um médico que fez tudo que era possível, mas Orlando ainda continuava adormecido.

Morning and evening they watched him, but, save that his breathing was regular and his cheeks still flushed their habitual deep rose, he gave no sign of life. Whatever science or ingenuity could do to waken him they did. But still he slept. (WOOLF, 2003, p. 65)<sup>11</sup>

A transformação o acontece através de um *ritual de passagem*<sup>12</sup> realizado por estranhas figuras denominadas *Our Lady of Purity*, *Our Lady of Chastity* *Our Lady of Modesty*. Tudo com excesso de metáforas e lirismos.

É importante destaca que essa cena e essas três *ladies* tem a intenção de ironia e até sarcasmo, pois os nomes das três figuras fazem referências a características ditas femininas e o ritual seria o processo de adequação onde Orlando enquanto mulher deveria seguir as regras sociais da época se apropriando da Pureza, Castidade e da Modéstia.

Com Orlando ainda adormecido *Our Lady of Purity* começa o ritual:

‘I am the guardian of the sleeping fawn; the snow is dear to me; and the moon rising; and the silver sea. With my robes I cover the speckled hen’s eggs and the brindled sea shell; I cover vice and poverty. On all things frail or dark or doubtful, my veil descends. Wherefore, speak not reveal not. Spare, O spare!’ Here the trumpets peal forth. ‘Purity Avaunt! Begone Purity!’ (WOOLF, 2003 p. 66)<sup>13</sup>

Pensamos que a utilização da palavra *fawn* (veado)no discurso da *Our Lady of Purity* não está ligada a forma pejorativa que é usada para definir os gays, ela está ligada à nobreza que utilizava este animal como símbolo de representação da realeza. Já no

<sup>11</sup>Tradução: Velaram-no dia e noite; mas, a não ser por sua respiração regular e pelo habitual colorido de suas faces, não dava sinal de vida. O que a ciência ou a ingenuidade podiam fazer para acordá-lo, fizeram. Mas continuava dormindo. (MEILERES 1978, p. 73)

<sup>12</sup>Utilizamos *ritual de passagem* para definir o processo de transformação de Orlando.

<sup>13</sup> Tradução: “Sou eu que guardo o sono do veadinho; a neve me encanta, e ao nascer da lua, e o mar prateado. Com a minha roupagem cubro os ovos de galinha pintalgadas, e as coisas marinhas; cubro o vício e a pobreza. Por cima de todas as coisas frágeis, sombrias ou duvidosas desce o meu véu. Por isso, não fales, não reveles! Piedade, oh, Piedade!” Aqui, as trombetas estrugem. “Pureza, vai-te! Vai-te, Pureza! (MEILERES 1978, p. 74-75)



dicionário de símbolos, o cervo representa a fecundidade, os ciclos da vida e renascimento que faz referência ao renascimento de Orlando como mulher.

Lemos o trecho do discurso da *Our lady of Purity* em que diz “With my robes I cover the peckled hen’s eggs and the brindled seas hell; I cover vice and poverty” (WOOLF, 2003 p. 66) como referência a proteção maternal, onde a mulher (galinha) guarda os filhos (ovos) e esta proteção é representada pela roupagem que se estende aos perigos sociais representados pelo vício e a pobreza que é uma menção sarcástica a uma sociedade que preza pelas aparências de pureza, mais na verdade convive com vício e degradação. Essa referência é reforçada no trecho seguinte “On all things frail or dark or doubtful, my veil descends” (WOOLF, 2003 p. 66). Assim também, referência a concha e ovos pode referir ao desabrochar da feminilidade de Orlando.

Logo após a fala da *Our Lady of Purity*, *Our Lady of Chastity* continua o ritual se apresentando:

‘I am she whose touch freezes and whose glance turns to stone. I have stayed the star in its dancing, and the wave as it falls. The highest Alps are my dwelling place; and when I walk, the light things flash in my hair; Where my eyes fall, they kill. Rather than let Orlando Wake, I will freeze him to the bone. Spare, O spare!’ Here the trumpets peal forth. ‘Chastity Avaunt! Begone Chastity!’ (WOOLF, 2003 p. 66)<sup>14</sup>

No início da alocução da *Our Lady of Chastity*, ela apresenta através das metáforas o corpo da mulher como objeto valioso, porém ao mesmo tempo em que há uma exaltação desse corpo há também uma proteção colocando-o distante/intocável, e isso fica mais nítido no seguinte trecho “rather than let Orlando Wake, I Will freeze him to the bone”.(WOOLF, 2003 p. 66)

Após seu corpo sexualizado pela *Our lady of Chastity*, ou seja, posto como objeto de sedução e de desejo, a *Our lady of the modesty* apresenta um corpo que deve ser puro e guardado, que deve ser sempre virgem e livre do desejo da maternidade o que nos leva a pensar em corpo submisso. No seu discurso ela fala, tão baixo que dificilmente se ouve:

So low that one can hardly hear: ‘I am she that men call Modesty. Virgin I am and ever shall be. Not for me the fruitful fields and vineyard. Increase is odious to me; and when the apples burgeon or the flocks breed, I run, I run; I let my mantle fall. My hair covers my eyes. I do not see. Spare, O spare!’ Again the

---

<sup>14</sup>Tradução: “Eu sou aquela cujo contacto paralisa de frio e cujo olhar petrifica. Detive a estrela em sua dança e a onda em sua queda. Os mais altas Alpes me servem de habitação, e, quando passo, os relâmpagos jorram dos meus cabelos; meus olhos, onde caem, matam. Preferirei gelar Orlando até os ossos a deixá-lo acordado. Piedade, oh, piedade!” Aqui as trombetas estrugem. “Castidade, vai-te! Vai-te, Castidade!” MEILERES 1978, p. 75)

trumpets peal forth: ‘Modesty Avaunt! Begone Modesty!’ (WOOLF, 2003 p. 66)<sup>15</sup>

Sobre a representação do corpo feminino trazemos Foucault (2005, 2008a, 2008b, 2009) que aponta para um corpo sobre o qual recai o poder. Para o autor, a consciência do indivíduo sobre o próprio corpo só se deu devido a um investimento no corpo pelo poder.

Foucault (2008a) coloca que o poder se exerce nas ações cotidianas, e é no cotidiano do corpo que ele estará presente e chama de ‘disciplinas’ os métodos que permitem o controle do corpo. Portanto as ‘disciplinas’ atuam na fabricação e domínio de corpos femininos submissos. Logo, o corpo feminino no discurso da *Our lady of the modesty* está representado nas relações de poder onde a matriz patriarcal exerce controle através das imposições sociais e domínio do corpo.

Pensamos que a submissão por parte das mulheres aos preceitos patriarcais se torna algo “normal”, pois as mulheres internalizam e expressão no comportamento social e na sua construção subjetiva e identidade social.

Percebemos que os discursos das três *ladies* descritos acima são carregados de lirismo que apontam através de metáforas condições sociais ditas femininas que seriam adequadas para a época e que Orlando sendo mulher agora deveria seguir tais condições.

Além das três figuras também faziam parte do ritual de passagem, trombetas que surgem exigindo uma suposta verdade, essa que Orlando se empenha em uma licenciosa busca; a verdade das palavras, a verdade da sociedade e, em especial, a verdade no que diz respeito a sua identidade a verdade que lhe constitui. “We are, therefore, now let entirely alone in the room with the sleeping Orlando and the trumpeters. He trumpeters, ranging themselves side by side in order, blow one terrific blast: – “THE TRUTH!” (WOOLF, 2003, p. 67)<sup>16</sup>

A referência às trombetas pode ser lida como uma alusão ao livro do Apocalipse, de João, em que 7 trombetas são tocadas para anunciar as pragas que virão atormentar a humanidade, onde a cada toque das referidas trombetas, esses seguem uma ordem, algo

---

<sup>15</sup> Tradução: “Eu sou aquela que os homens chamam Modéstia. Sou e sempre serei virgem. Não são para mim os campos fecundos e os férteis vinhedos. Odeio a proliferação; e, quando as maçãs brotam ou os rebanhos se multiplicam, fujo, fujo, deixo cair meu manto. A cabeleira cobre-me os olhos. Não vejo. Piedade, oh, piedade!” De novo as trombetas estrugem. “Modéstia, vai-te! Vai-te, Modéstia!” (MEILERES 1978, p. 75)

<sup>16</sup> Tradução: Por isso, ficamos agora inteiramente as sós no quarto com o adormecido Orlando e as trombetas. As trombetas, colocando-se lado a lado, em ordem, sopram, numa terrível e única rajada: “A VERDADE!” (MEILERES 1978, p. 76)

acontece anunciando Armagedon. Nesse sentido, lemos aqui como uma ironia sugerindo o fim da vida de Orlando como homem e a passagem para o recomeço da vida de Orlando como mulher. Nesse contexto, também anunciam ironicamente o que Orlando ela passará daqui para frente enquanto mulher.

Após uma semana adormecido Orlando desperta ao som das trombetas mais uma vez exigindo a verdade, o ritual havia acabado e a transformação estava completa um novo Orlando tinha nascido:

at which Orlando woke. He stretched himself. He rose. He stood upright in complete nakedness before us, and while the trumpets pealed Truth! Truth! Truth! we have no choice let but confess – he was a woman. (WOOLF, 2003, p. 67)<sup>17</sup>

Aqueles que viram Orlando completamente despido tiveram uma surpresa, pois a Orlando agora era mulher. Porém para Foucault (1999) a verdade provém “de certas condições políticas, de certas relações de poder que não são, portanto, exteriores ao sujeito, mas sim constitutivas do sujeito de conhecimento.” (1988, p.119) Nesse sentido questionamos que verdade é apresentada? Orlando era mulher ou apenas tinha a construção biológica? Respondendo a essas questões cogitamos que a verdade apresentada é uma resposta automática onde o marcador biológico (órgãos genitais) que é associado ao gênero, no caso o feminino, sendo que essa construção de ser mulher não acontece desde o nascimento, e sim como uma construção social que é progressiva e não imediata. A esse acatamento afirma Beauvoir: “não nascemos mulher, torna-se mulher”. (BEAUVOIR, 1972) assim em um primeiro momento a construção de ser mulher em Orlando se torna meramente simbólica, ou seja, uma representação social.

Vale lembrar, que a transformação através do ritual de passagem dirigido pelas três figuras foi algo imposto a Orlando, mesmo que ele, agora ela, se reconheça enquanto sujeito pertencente ao gênero feminino. A mudança ocorreu de forma inesperada e misteriosa, sem a consciência de Orlando.

### **Orlando (ela):**

---

<sup>17</sup> Tradução: e com isso Orlando despertou. Espreguiçou-se. Levantou-se. Ficou de pé, completamente despido na nossa frente, enquanto as trombetas rugiam: “Verdade! Verdade! Verdade!” E não podemos deixar de confessar: era mulher. (MEILERES 1978, p. 76)

“The Change seemed have been accomplished painlessly and completely and in such a way that Orlando herself showed no surprise at it.”(WOOLF, 2003 p. 67-68)<sup>18</sup> Mesmo tendo se tornado mulher, no primeiro momento Orlando parece não perturbar com a mudança, não houve nenhum estranhamento em relação ao seu novo corpo e identidade subjetiva, como quem sempre foi referenciada como mulher.

No entanto Orlando pausa para pensar criticamente sobre sua situação e o seu posicionamento em relação à representação do gênero feminino muda, uma vez que ela, finalmente, se torna consciente de opiniões que costumava ter antes da transformação, e as modifica, como uma tentativa de se adaptar à realidade de sua nova identidade. Então Orlando começa a perceber que ser mulher no século XIX não é tão simples:

At any rate, it was not until she felt the coil so skirts about her legs and the captain offered, with the greatest politeness, to have an awning spread for her on deck, that she realized with a start the penalties and the privileges of the positions.[...] In normal circumstances a lovely Young woman alone would have thought of nothing else, the whole edifice of female government is based on that foundation stone; chastity is their jewel, their centerpiece, which they run mad to protect, and die when ravished of [...] Never have I seen my own skin ( here she laid her hand on her knee) look to such advantage as now. Could I, however, leap overboard and swim in clothes like these? No! Therefore, I should have to trust to the protection of a blue-jacket (WOOLF, 2003, p 75)<sup>19</sup>

Orlando (ela) começou a perceber que a vida sendo uma mulher não seria muito fácil, ela tinha renascido em um novo corpo e com uma construção subjetiva fragmentada, apresentando um dualismo de gênero, por tanto tudo se torna novo onde ela tem que aprender a se adequar a essa nova realidade. Portanto, vale ressaltar aqui que:

It must be remembered that she was like a child entering into possession of pleasaunce or toy cupboard; her arguments would not commend themselves to mature women, who have had the run of it all their lives (WOOLF, 2003, p 76)<sup>20</sup>.

Como a transformação aconteceu de forma inesperada e Orlando não dispunha de muito tempo para pensar como seria sua vida, estava perdida, e por isso talvez não tivesse os pensamentos muito claros. É quando sua mente se acalma percebe que várias

---

<sup>18</sup> Tradução: A mudança parecia ter sido produzida completamente e sem sofrimentos, e de tal maneira que o próprio Orlando não demonstrava surpresa com ela. (MEILERES 1978, p. 77)

<sup>19</sup> Tradução: De qualquer modo, só quando, com a maior polidez, o capitão lhe propôs mandar armar um toldo especial para ela, no convés, só então percebeu, com um sobressalto, as responsabilidades e privilégios de sua condição. (MEILERES 1978, p. 85)

<sup>20</sup> Tradução: É preciso lembrar que ela era como uma criança que toma posse de um jardim ou de um armário de brinquedos; seus raciocínios não podiam ser os de uma mulher madura que toda a vida se tivesse ocupado com essas coisas. (MEILERES 1978, p.86)

imposições limitadoras são impostas a ela, pois a mulher ainda é vista como submissa ao homem, Orlando (ela) percebe-se em diversas situações que não há o que ser feito, a não ser se subjugar a dominação do patriarcado, por exemplo, quando um marinheiro olha para baixo e perde o equilíbrio ao ver seus tornozelos: “If the sight of my ankles means death to the honest fellow who, no doubt, has a wife and Family to support, I must, in all humanity, keep them covered, Orlando thought.” (WOOLF, 2003, p. 77)<sup>21</sup>

No entanto apesar dessas limitações impostas pela sociedade regida pelos preceitos do patriarcado, Orlando(Ela) se questiona sobre sua situação “I then Begin to respect the opinion of the other sex, however monstrous I think it?”<sup>22</sup> E buscando as respostas chega a conclusão que “If I wear skirts, if I can’t swim, if I have to be rescued by a blue-jacket, by God!”(WOOLF, 2003, p. 76)<sup>23</sup> e com isso percebemos que ao mesmo tempo que há um questionamento sobre sua situação Orlando não procura fazer nada para que mude pois percebe que não possui o direito de falar.

Destacamos a seguir um dos primeiros momentos em que Orlando(ela) recorda característica de sua personalidade masculina, onde sua percepção em relação as mulheres(que por acaso é a mesma percepção que a sociedade possui) se limitava aos preceitos patriarcais:

She remembered how, as a Young man, she had insisted that woman must be obedient, chaste, scented, and exquisitely apparelled. ‘Now shall have to pay in my own person for those desires,’ she reflected; ‘for women are not (judging by my own short experience of the sex) obedient, chaste, scented, and exquisitely apparelled by nature.’ (WOOLF, 2003 p. 76-77)<sup>24</sup>

Percebemos que Orlando (Ela) transpõe um sentimento de culpa chegando a pensar que talvez a transformação fosse um castigo por tudo que ela enquanto homem tinha feito com as mulheres. E para além das exigências em termos de comportamento, as mulheres também tinham que sempre estar bem arrumadas, Orlando na sua construção

---

<sup>21</sup> Tradução: “Se o espetáculo dos meus tornozelos pode causar morte a um homem honesto que decerto tem mulher e filhos para sustentar, por humanidade devo cobri-los”, pensou Orlando. (MEILERES 1978, p. 87)

<sup>22</sup> Tradução: Devo, então, começar a respeitar a opinião do outro sexo, embora me pareça monstruosa? (MEILERES 1978, p. 87)

<sup>23</sup> Se uso saia, se não posso nadar, se tenho de ser salva por um marinheiro, Deus meu!! (MEILERES 1978, p.87)

<sup>24</sup> Tradução: Recordava como tinha insistido, nos seus tempos de rapaz, em que as mulheres devem ser obedientes, castas, perfumadas e caprichosamente enfeitadas. Agora tenho que pagar com meu corpo por aquelas exigências, refletiu; pois as mulheres não são (julgar pela minha própria curta experiência do sexo) obedientes, castas, perfumadas e caprichosamente enfeitadas já por natureza.(MEILERES 1978, p.)

de ser mulher percebe o quanto era difícil para as mulheres está sempre bem arrumadas, pois além de demorado era bastante fadigoso:

They can only attain these graces, without which they may enjoy none of the delights of life, by the most tedious discipline. There's the hairdressing, 'she thought, 'that alone will take an hour of my morning; there's looking in the looking-glass, another hour; there's staying and lacing; there's washing and powdering; there's changing from skill to lace and from lace paduasoy; there's being chaste year in year out...(WOOLF, 2003 p. 77)

E analisando sua vida na sociedade inglesa o complexo de inferioridade e submissão leva a pensar nas dificuldades/desprezo que uma moça passaria, pois mesmo que houvesse uma exaltação a beleza feminina em termos de liberdade social ainda era bem limitada. Havia tarefas que deveriam desempenhar por serem mulheres.

All I can do, once I set foot on English soil, is to pour out tea and ask my lords how they like it. D'you take cream? And mincing out the words, she was horrified to perceive how low an opinion she was forming of the other sex, the manly, to which it had once been her pride to belong. (WOOLF, 2003 p. 77)

Orlando percebe que tarefas socialmente importantes, como política e negócios, são restritas aos homens, enquanto as mulheres possuem “sacred responsibilities” (WOOLF, 2003 p. 77), percebendo sua situação Orlando começa a comparar os dois sexos:

'Ignorant and poor as we are compared with the other sex' [...] (and from these opening words it is plain that something had happened during the night to give her a push towards the female sex, for she was speaking more as a woman speaks than as man, yet with a sort of content after all). (WOOLF, 2003 p. 78)<sup>25</sup>

Comparando os dois sexos Orlando percebe que a diferença não é somente biológica ou somente social, pois a representação dos marcadores biológicos são gatilhos para biológização dos gêneros, ou seja, limitando a construção das identidades de gêneros a algo puramente biológico e social, descartando a subjetividade do indivíduo. Um dos elementos de comparação entre os sexos é a vestimenta, que se consolida como um determinante na separação e marcação dos gêneros de Orlando:

The difference between the sexes in happily, one of great profundity. Clothes are but a symbol of something hid deep beneath. It was a change in Orlando

---

<sup>25</sup> Tradução: “Por ignorante e pobre que sejamos comparadas com o outro sexo”[...] (e por essas palavras iniciais, devia ter acontecido, de noite, alguma coisa que a inclinava para o sexo feminino, pois falava mais como uma mulher do que como um homem, e, além disso, com certa satisfação. (MEIRELES, 1978 p. 88)

herself that dictated her choice of a woman's dress and of a woman's sex. (WOOLF, 2003 p. 92)<sup>26</sup>

Embora a vestimenta da época não demarcasse essa diferença de forma muito clara, ainda sim é um fator determinante na separação dos sexos, principalmente em relação ao sexo feminino, pois sempre houve uma cobrança maior em relação ao que deveria ou não vestir.

Por fim Orlando se reconhece como sujeito mulher, no entanto a representação do seu gênero se dá somente pelo marcador biológico e preceitos sociais, pois como supracitado seu gênero é colocado de forma imediata e não como algo progressivo que se constrói a partir dos elementos da subjetividade e os elementos externo.

Outrossim, vale relembra que a transformação foi algo imposto a Orlando, mesmo que ele, agora ela, reconheça as limitações culturalmente impostas às mulheres pelos 'prestígios sociais' masculinos, a mudança de gênero não limita a personagem. Orlando, em verdade, não se limita, não se encerra em uma condição.

#### **Orlando Não Binário:**

Orlando had become a woman there is no denying it. But in every other respect, Orlando remained precisely as he had been. The change of sex, though it altered their future, did nothing whatever to alter their identity. (WOOLF, 2003, p. 67)<sup>27</sup>

Orlando não apresenta uma identidade permanente, ao longo do romance sua identidade passa por vários processos de fragmentação e reconstrução. Nesse contexto afirma Hall (2002), que a concepção do sujeito como portador de uma identidade "plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia" (2002, p. 13), o que de fato acontece com Orlando onde sua identidade de gênero faz referência ao *DemiGender*, uma das categorias dos gêneros não-binários.

Os gêneros não binários transgredirem à imposição social dada no nascimento, ultrapassam os limites da heteronormatividade patriarcal. Ou seja, indivíduos que não serão exclusiva e totalmente mulher ou exclusiva e totalmente homem, mas que irão

---

<sup>26</sup>Tradução: A diferença entre os sexos tem, felizmente, um sentido muito profundo. As roupas são meros símbolos de alguma coisa profundamente oculta. Foi uma transformação do próprio Orlando que lhe ditou a escola das roupas de mulher e do sexo feminino. (MEIRELES, 1978 p. 104)

<sup>27</sup> Tradução: Orlando transformara-se em mulher – não há como que negar. Mas, em tudo mais, continuava precisamente o que tinha sido. A mudança de sexo, embora alterando o seu futuro, nada alterava da sua identidade.

permeiar em diferentes formas de neutralidade, ambiguidade, multiplicidade, parcialidade, ageneridade, outrogeneridade, fluidez em suas identificações independe dos marcadores biológicos na sua construção, pois são performadas a partir da construção da subjetividade.

Orlando apresenta uma multiplicidade em relação a sua identidade permeando entre o binário e não binário de gênero, onde percebemos características do *DemiGender* termo esse usado:

para vários gêneros onde pessoas leem suas identidades como sendo parcialmente femininas ou masculinas e parcialmente alguma identidade não-binária; ou ainda, parcialmente agênero e parcialmente alguma outra identidade não-binária; (ESPECTOMETRIA não-binária, 2015)

Nesse sentido a partir do momento que se torna mulher, Orlando compreende particularidades dos dois gêneros, pois relembra fragmentos da sua “identidade masculina” (performada anteriormente) e começa a vivenciar/performar a “identidade feminina”. Então passa a oscilar entre os dois:

It would seem from some ambiguity in her terms that she was censuring both sexes equally, as if she belonged to neither; and indeed, for the time being, she seemed to vacillate; she was man; she was woman; she knew the secrets, shared the weaknesses of each. (WOOLF, 2003, p. 77)<sup>28</sup>

Podemos perceber que por algum momento, Orlando entra em conflito as duas identidades por ele performadas, o que conseguinte acaba censurando os signos masculinos e femininos, performando-se assim, na não binaridade, figurando a neutralidade como característica subjuntiva/identitária, o que trouxe um estado de certo conforto e insegurança:

Thus it is no great wonder, as she pitted one sex against the other, and found each alternately full of the most deplorable infirmities, and was not sure to which she belonged (WOOLF, 2003 p. 78)<sup>29</sup>

Orlando vivencia as suas identidades perpassando o binário de gênero “Whether, the, Orlando was not most man or woman[...]” (WOOLF, 2003 p 93)<sup>30</sup>, pois fluía entre essas categorias, se reconstruindo na multiplicidade, não podendo ser classificado

<sup>28</sup>Tradução: Pareceria, por certa ambiguidade das suas expressões, que censurava igualmente ambos os sexos, como se não pertencesse a nenhum; E, na verdade, naquele momento vacilava; Era homem; Era mulher; conhecia os segredos, partilhava das fraquezas de cada um (MEIRELES, 1978, p.88)

<sup>29</sup>Tradução: não era para admirar que confortasse os sexos entre si, e alternativamente soubesse cada um repleto das mais deploráveis misérias e não soubesse, com segurança, a qual pertencia. (MEIRELES, 1978 p. 88)

<sup>30</sup>Tradução: No entanto, se Orlando era mais homem ou mais mulher[...] (MEIRELES, 1978 p. 105)



unicamente como pertencente ao gênero masculino ou feminino. “For it was mixture in her of man and woman, one being uppermost and then the other, that often gave her conduct an unexpected turn.” (WOOLF, 2003 p. 93)<sup>31</sup>

Orlando desconstrói a possibilidade de uma identidade una, fixa, ao explorar os conflitos de um sujeito que passa a vivenciar sua identidade na pluralidade, apresentando uma identidade fluída, que perpassa as configurações sociais que atuam como únicas formas de legitimidade do sujeito.

Inicialmente suas identidades foram marcadas pelas roupas, porém ainda sim Orlando consegue ultrapassar essa marcação, representando a sua subjetividade na construção das suas identidade, o que conseguinte, externa o que está no seu interior e que não está completamente em concordância com sua aparência física. “[...]and often it is only the clothers that keep the male or female likeness, while underneath the sex is the very opposite of what it is above.” (WOOLF, 2003 p. 92-93)<sup>32</sup>

Entendemos que a mudança de gênero de Orlando configura-se como uma saída para a crise identitária vivenciada anteriormente, como uma superação da frustração existencial. É o surgimento de uma nova possibilidade de existir no mundo. “Different though the sexes are, they intermix. In every human being a vacillation from one sex to the other takes place[.]” (WOOLF, 2003 p. 92)<sup>33</sup> Por tanto desconstruindo as representações do binarismo de gênero, Orlando se configura com sujeito não binário representado por uma subjetividade que se caracteriza pela multiplicidade/pluralidade, apresentando novas forma de representatividade do indivíduo.

### **Considerações Finais:**

Por fim, consideramos que a subjetividade de Orlando está representada na construção das múltiplas identidades de gêneros performadas por ele no romance. Nesse caso, num primeiro momento analisamos de que forma estava representada a sua identidade de gênero masculina, e constatamos que é construída a partir do marcador biológico, representado no modelo masculino que assume as condições do patriarcado.

---

<sup>31</sup>Tradução: Por que a mistura e a alternativa preponderância de homem e mulher é que frequentemente davam à sua conduta um giro inesperado (MEIRELES, 1978 p. 105)

<sup>32</sup> Tradução: e às vezes só quando as roupas conservam a aparência masculina ou feminina. Quando, interiormente, o sexo está em completa oposição com o que se encontra à vista. (MEIRELES, 1978 p. 105)

<sup>33</sup>Tradução: Embora diferentes, os sexos se confundem. Em cada ser humano ocorre uma vacilação entre um sexo e outro; (MEIRELES, 1978 p. 105)

Em um segundo momento, avaliamos as influências que o ritual de passagem o qual Orlando é submetido e que é realizado por três figuras que possuem nomes de características ditas femininas que se apoderam de Orlando e o transforma em mulher, na caracterização de Orlando enquanto sujeito mulher.

Concluimos, que o ritual de passagem é um processo de condicionamento onde Orlando agora como sujeito mulher deveria seguir as limitações e as imposições sociais dentro do modelo de sociedade, ou seja, nesse momento é construída a representação da identidade feminina de Orlando, foco de análise em um terceiro momento, em que averiguamos que sua representação enquanto sujeito mulher se dá pelo marcador biológico e preceitos sociais (regras de feminilidade e comportamentos), desconsiderando a forma subjetiva no processo de construção da identidade do sujeito.

Na última etapa de análise, procuramos identificar as características da multiplicidade/ Pluralidade, que configuram uma nova identidade em Orlando, onde os elementos da sua subjetividade se afloram trazendo uma nova possibilidade de expressão e/ou representação do seu gênero, cursando entre as categorias binárias de gênero e fora delas, antes incorporadas unicamente como únicas possibilidades de legitimar sua identidade. Nesse contexto, concluimos que Orlando foi um sujeito não binário se apresentando de forma multifacetada e complexa no que diz respeito à sua caracterização subjetiva.

## Referências

- ADICHE, Chimamanda N. *Sejamos todos feministas*. Tradução: Christina Baum. Companhia das letras. 2015
- ARAÚJO, W. C. “*Ideologia de gênero*”: uma leitura crítico-reflexiva da lei municipal 2.243 de 2016..HUMANIDADES & INOVAÇÃO, v. v.5, p. 111-121, 2018.
- BAUMAN, Z. *A identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. *The Second Sex*. Ed. H. M Parshley. Harmondsworth: Penguin Books, 1972.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble*: Feminism and the Subversion of Identity. London: Routledge, 1990.
- COSTA, Ana Alice. *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*.In. Seminário de aprofundamento do trabalho de gênero no Pró-Gavião. Org. Núcleo de Estudos

Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM/UFBA (NEIM). 2000. p. 35- 44. Disponível em:<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/textosapoio1.pdf> acessado em: 14/11/2016.

*Espectrometria Não-Binária*. Disponível em: <<http://espectrometria-nao-binaria.tumblr.com/>>. Acesso em: 9 de janeiro. 2017.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade*(vol. 1). Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_, M. microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1995

HALL, S. *A identidade na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

NOGUEIRA, Conceição. *Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social*. Fundação CalousteGulbenkian, 2001.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.). 9. ed – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

WOOLF, V. *Orlando*. London: Wordsworth. 2003.

\_\_\_\_\_. *Orlando, uma biografia*. Tradução de Cecília Meireles. São Paulo: Círculo do Livro, 1978